



DOIS ANOS SEM RESPOSTAS

Em novembro de 2007, uma explosão num posto de gasolina no bairro de Pinheiros, zona oeste de São Paulo, SP, provocou a morte do frentista Carlos Roberto dos Santos, de 45 anos. Ele sofreu queimaduras de segundo e terceiro graus em 78% do corpo. O vídeo da explosão, gravado por uma câmera de segurança do posto, está disponível no YouTube (<http://www.youtube.com/watch?v=gwxLFauVnTU>).

Nas imagens, vemos o frentista subir no tanque do caminhão e colocar a mão no bolso ao chegar próximo do primeiro compartimento. Em seguida, ele passa o objeto para a outra mão e então o leva na direção do interior da boca do compartimento. Em menos de um segundo, ocorre a explosão.

“Foi encontrado um celular próximo ao frentista. Pelo que apuramos, o celular é dele”, declarou à época o delegado Júlio Cesar de Almeida Teixeira ao noticiário televisivo *Jornal Nacional*. O dono do posto, Osvaldo Lopes dos Santos, afirmou que o frentista conhecia as normas de segurança, reforçadas por uma lei municipal, que proíbe o uso de celular em locais que comercializam combustível. “Ele trabalhava já há dois anos e três meses. Digamos que foi uma fatalidade, um acidente”, disse.

O programa “Caçadores de Mitos”, da Discovery Channel, já abordou o assunto e concluiu que não é possível um celular explodir um posto de gasolina. Mas será que todas as variáveis possíveis foram analisadas no programa?

Como eram 2h30 da manhã, provavelmente o frentista não teria atendido o celular. Além disso, outros fatos contribuem para esta hipótese, como não ter sido publicado na mídia que o motorista do caminhão tivesse ouvido a campainha e o filme não mostrá-lo levando o celular ao ouvido.

Observando o vídeo com atenção, podemos notar que logo após o frentista colocar sua mão direita dentro da tampa superior do caminhão, ele vira o rosto — talvez para protegê-lo. Ou seja, provavelmente naquele mo-

mento ele teria visto a ignição! Menos de um segundo depois, ele foi arremessado ao chão, já com as roupas em chamas. Nesse momento, o motorista aparece sob a câmera e corre para pegar um extintor, que estava em uma estante aramada de venda. A partir daí, os fatos se desenvolveram fora do campo de visão da câmera de segurança. Três dias depois, o frentista morreu.

Segundo informações divulgadas pela imprensa, naquela noite, antes do acidente, Carlos Roberto já havia enchido dois tanques de 5000 litros de gasolina e estava pronto para encher o último, de álcool. Ele teria ido conferir se os tanques do caminhão, referentes aos dois carregamentos anteriores, haviam sido descarregados. Ou seja, os compartimentos deveriam estar “vazios”.

Algumas perguntas que ainda estão sem resposta são:

- Era a primeira vez que o frentista subia em um caminhão para olhar o conteúdo interno dos compartimentos?
- Essa inspeção visual estava prevista em algum procedimento?
- Se havia algum procedimento, ele estabelecia o dispositivo a ser utilizado para iluminar o interior do tanque em caso de necessidade?
- Outros postos da rede continuam a utilizar o mesmo procedimento?
- Caso não haja procedimento, como se garante a segurança dessa operação?

Em suma, por que a sociedade ainda não foi informada das causas do acidente, nem das medidas a serem tomadas para evitar a repetição desse trágico evento? A segurança de todos nós que utilizamos os serviços, moramos, trabalhamos ou mesmo passamos próximo aos postos depende da divulgação das causas desse acidente e de medidas de controle eficazes. Até quando podemos esperar?

*Estellito Rangel Júnior
Engenheiro eletricista e
representante do CB-3/ABNT
na IEC/TC-31*

Esta seção propõe-se a informar e analisar temas relativos a instalações elétricas em atmosferas potencialmente explosivas, incluindo normas brasileiras e internacionais, certificação de conformidade, novos produtos em análises de casos. Correspondência para: Redação de **EM**, Seção “**EM Ex**”, Alameda Olga, 315; 01155-900 São Paulo, SP; fax: (11) 3666-9585; e-mail: em@arandanet.com.br.